

DIEESE – Subseção APCEF/SP

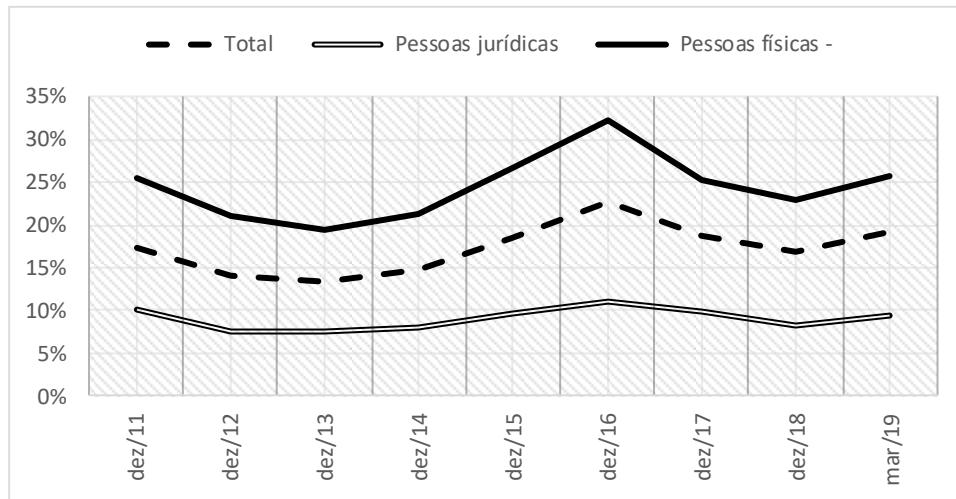
Informe semanal – nº 216 – 23 de maio de 2019

Spread bancário

A missão das instituições financeiras é tomar recurso daquele que tem mais do que utiliza e emprestá-lo a quem utiliza mais do que tem. A diferença entre as taxas pagas ao ofertante e as taxas cobradas do tomador é o *spread*.

Segundo relatório do Banco Central, o *spread* bancário médio no Brasil, operações de crédito livre, bateu 19,2% em março deste ano. Se consideradas apenas operações com pessoas jurídicas, tal média foi de 9,5%; se operações com pessoas físicas, 25,8%. Em série histórica iniciada em dezembro de 2011 (gráfico 1) observam-se índices menores em dezembro de 2012, de 2013 e de 2014 e elevação acentuada em 2016.

Gráfico 1 – spread bancário médio em operações de crédito – total, pessoa física e pessoa jurídica

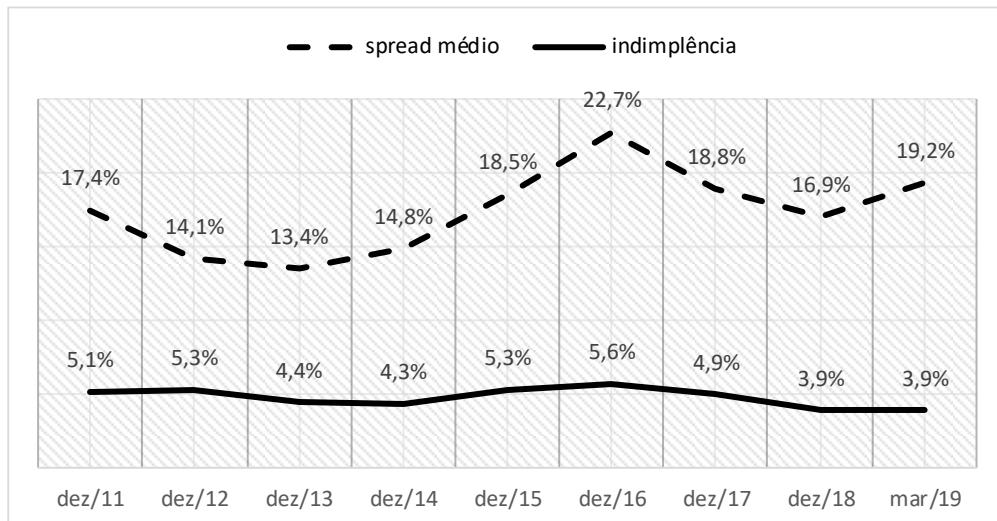


Fonte: Banco Central do Brasil

Spread e inadimplências

Há quem jogue a conta do spread elevado na inadimplência do tomador, que seria também elevada. Não é o que indicam os números. A inadimplência não é elevada para o padrão brasileiro e, ao longo do tempo, indica até mesmo redução. O *spread* médio mais acentuado, de 22,7%, que se registrou nas operações de crédito em 2016 consideradas pessoas física e jurídica, ocorreu quando a inadimplência marcava 5,6% e, um ano antes – o que pode ter influenciado cobrança maior de taxa por conta de risco - 5,3%. Em março de 2019, dado mais recente, a inadimplência marcou 3,9% ante *spread* de 19,2%, 15,3 pontos maior.

Gráfico 2 – operações de crédito total sistema financeiro – *spread* médio e inadimplência

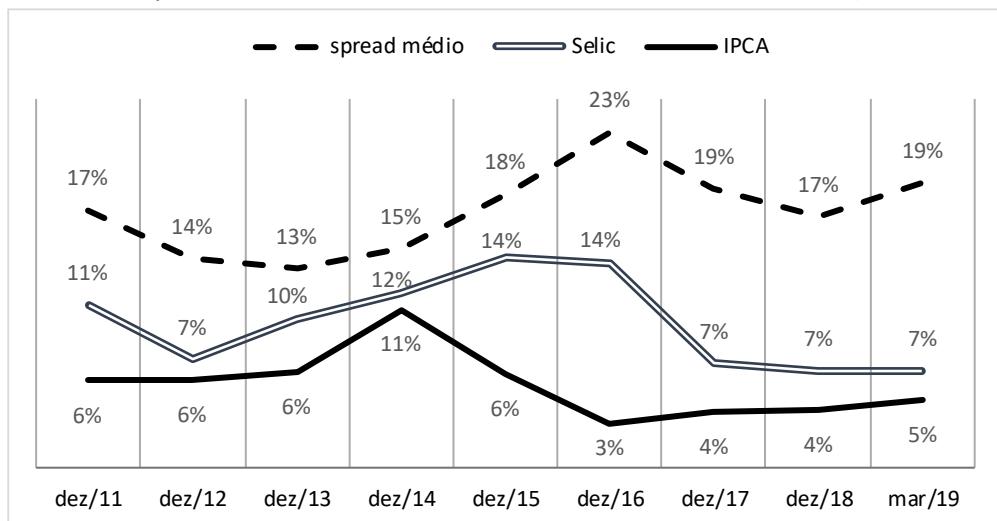


Fonte: Banco Central do Brasil

Spread, Selic e inflação

A variação do spread comparativamente à taxa básica de juros (Selic) e à inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) também não se correlaciona. Comparando-se cada uma das taxas na mesma base mensal ou, ainda, estabelecendo-se possível impacto entre inflação e Selic em um ano e spread do ano imediatamente seguinte, a constatação é a mesma: variações de Selic e de inflação pouco importam. O spread, em verdade, é o que se pode definir como algo com vida própria.

Gráfico 3 – spread médio, taxa Selic e IPCA acumulado em doze meses (incluído mês indicado)



Fonte: Banco Central do Brasil